

S E R M A M
DO SANTISSIMO
SACRAMENTO,

EXPOSTO NO REAL CONVENTO DE S. FRANCISCO DA CIDADE
de Lisboa Occidental, no terceiro dia do Carnaval treze de Fevereiro de 1725.

D E D I C A D O

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. CARLOS DE NORONHA,

*CONDE DE VALLADARES, DO CONSELHO DE S. Magestade,
e seu Gentil-homem da Camera, Commendador das Commendas de S. João da
Castanheira, São Julião de Monte-negro, Santa Maria de Beade, e
Santa Maria de Locores da Ordem de Christo, e Ministro da
Veneravel Ordem Terceira.*

POR ESTE V A M DOS SANTOS

B R A N D A M,

Correio mór da Cidade de Braga, e Definidor da mesma Ordem.

P R E ' G O U - O O M. R. P. M.

FR. EUSEBIO DE S. MARIA,

*DA ORDEM DE S. FRANCISCO DA PROVINCIA DE
Portugal, Leitor de Vespera, e Qualificador do Santo Officio.*

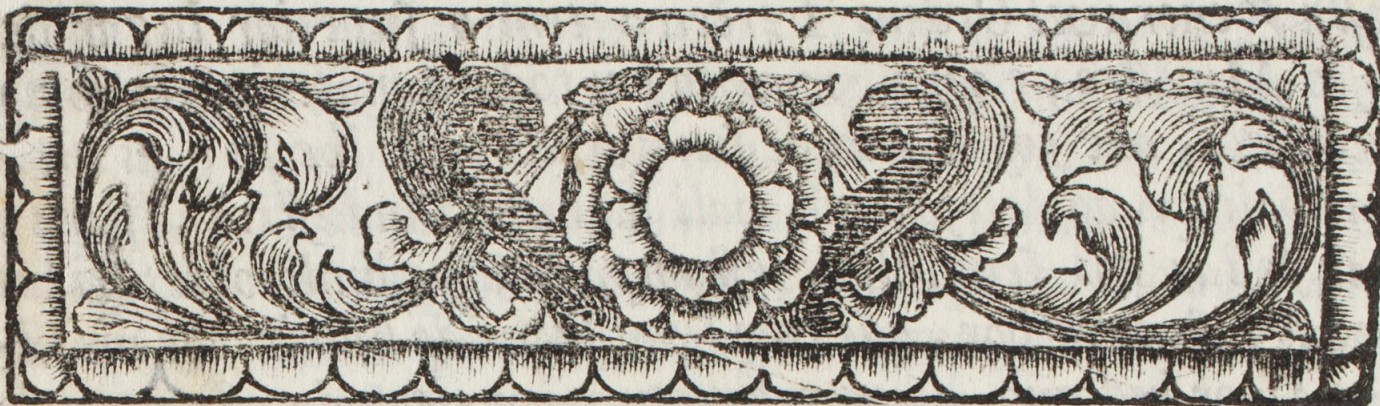


LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina dos Herdeiros de PASCHOAL DA SYLVA;

M. DCCXXV.

Com todas as licenças necessarias.



EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



STE Sermaõ, a que seu Author poz
por titulo Rizos do Ceo, e Prantos do
Mundo (taõ doutamente prégado, como gostosamente ouvido)
offereço com razão a V. Excellencia; não só por ser hum dos
que mais o soube applaudir, como por ser o que na Mesa
A ij desta

desta Veneravel Ordem Terceira tem o superior lugar de
nosso Ministro, e o melhor voto em toda a materia. E como
reconheci, que foy tanto de seu agrado, que lhe poz as ul-
timas balizas ao desejo; me vali da minha industria, para o
manifestar aos seus olhos estampado; pedindo-o repetidas
vezes a seu Author, que com sumissoens de humildade me ne-
gava por indigno, o que procurey para elevado assumpto de
seus applausos.

Guevar.
in Epist.
fami-
liar. fol.
mihi
44.

E posto, que o alcancey com o protέsto de o ler sόmente;
nāo se me deo de desacreditar minha palavra, por grangear
creditos para tāo grande Orador, que na desestimacāo da
propria obra, se faz digno de mayores elogios; sendo o des-
prezo da eloquencia requintado abono de seu engenho. Ao
Povo Romano nunca quiz dar Cicero por escrito a Oraçāo,
que lhe recitara; nāo querendo fiar da penna a gloria, que
lhe dera a lingua. Do mesmo modo usou Asclepio com os Ar-
giuos, e Demosthenes com os Athenienses: e sendo em todos
grande a desconfiança de suas proprias obras em dallas por
escrito (reputando-as por indignas de se divulgarem;) por
isso mesmo, que temiaō a censura dos sabios, os acclamaraō
Princepes da Oratoria. E sem que este receyo lhes servisse
de deslustre, foy Cicero o esplendor de Roma, Asclepio de
Argos, e Demosthenes de Athenas. Em esta consideracāo
fica tambem acclamado o nosso insigne Orador, por hum dos
mais perigrinos da nossa Lusitania (ou moderna Athenas;)
pois soube adquirir epitétos de erudito, vituperando a van-
gloria de sabio.

Com o seu estudo desempenhou aos Irmāos da Mesa, que
o elegerāo para o dia assignalado: e nāo menos se empenhou
humilde (como verdadeiro filho da Religiaō Serafica) em
reputar por rasteiro methodo, o que nos ouvidos de todos
foou em relevante estylo. E como seria magoa ficar este Ser-
maō sepultado no esquecimento, o dey ao Prélo, para ficar
eternizado na memoria. Compoz Virgilio sua decantada
Eneida

meida às instancias de Augusto; (como a rogos de Polião
 as prodigiosas Eglogas, e a recomendações de Mecenas as Carolas
 ditaveis Georgicas; desempenhando a todos com a elegan- Ruæ as
 cia, e valentia de tão numerosos rithmos:) mas se não fora adulum
 a curiosidade de Augusto, se lamentaria a pérca da arrogan- Delph.
 te Eneida, sendo consumida no fogo, como seu Author que- in vit.
 ria. Não merece logo ser censurada a minha curiosidade, em Maron.
 dar à luz tão bom Sermão; por não ficar sepultado no es-
 quecimento; mas sim para deixar mais illustrado seu Author,
 que buscando huma nova idéa, soube accomodar de tal sor-
 te o assumpto ao dia; que assombrou no elevado dos pensamen-
 tos, na propriedade dos textos, na pureza da fraze, na no-
 ticia da historia, e na persuassão da Rhetorica: satisfazendo
 de tal sorte ao gosto, e à vontade de cada hum dos ouvintes,
 que se acham todos por satisfeitos: O Rhetorico com os Tro-
 pos, o Historiador com a noticia, o Grammatico com a fra-
 ze, o Orador com a eloquencia, e o Escripturario com os tex-
 tos: em cuja conformidade com gostos tão diversos, se mani-
 festa a mais singular prerogativa.

A mayor soberania, e prerogativa, que em si continha
 aquelle maná, que Deos mandava do Ceo para satisfação
 de vontades tão diversas, como as dos Israelitas, não con-
 sistia em causar gosto de huma só cousa a singularidade do
 nectar; ou em ser manjar tão superior, que se não podia ap-
 petecer cousa melhor; porque sendo tão singular, como digo,
 ainda houverão homens, que delle desgostarão: Anima nos- Num.
 tra jam nauseat super cibo isto: a donde esteve a sua mayor 21. 5.
 excellencia, foy em se conformar de tal sorte com os gostos
 de todos, que cada qual achava nelle aquillo, que appetecia:
 como pela diversidade dos gostos desejavaõ quantas cousas
 lhes vinhaõ ao pensamento: In mentem nobis veniunt cu- Ibid.
 cumeres, & pepones, porrique; & cæpe, & allia: achando 11. 5.
 no maná tudo o que queriaõ à medida dos seus desejos; não
 tinhaõ mais que cobiçar: Deserviens uniuscujusque volun- Sap.
 tati, 16. 21.

Ibid.
20.

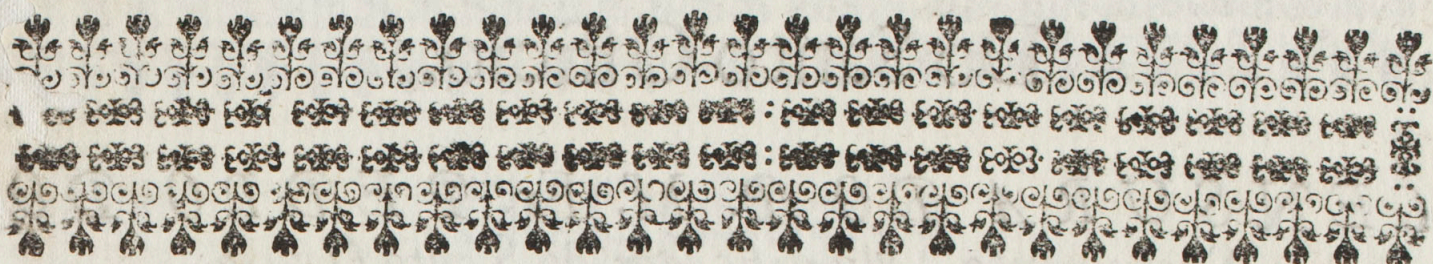
tati, ad quod quisque volebat convertebatur. *Esta soberania do mandá em ordem a satisfação dos gostos, descubro eu neste Sermaõ do Santissimo Sacramento, porque sendo também mandá o Sacramento, que contém em si todo o exquisito dos manjares, e diversidade de delicias: Omne delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem: para agradar a todos, e persuadillos, que só este era o verdadeiro manjar, era forçoso, que prégasse o Author por este estylo, conformando-se com o genio de todos; para que gostassem deste Sermaõ do Sacramento, como de mandá offerecido a vontade de cada hum: De serviens uniuscujusque voluntati.*

Esta he, Excellentissimo Senhor, a maravilha deste Sermaõ, em breves palavras ponderado; bem que carecia de dilatados periodos. Nelle verá V. Excellencia por em breza a figura do Mundo, copiado em huma fermosa Donzella, em quem se lê o Epygrafe: Ex cantu, mæror: entre mais sasonados frutos, do que aquelles, que celebráraõ os Poetas nos aprasiueis hortos de Pomona: cuja figura sendo riscada sem mais pinçel, que huma penna, e sem mais cores, que a de huma só tinta; sabio tanto ao proprio, que não será necessario mais que olhar para esta figura, para se conhecer o que he o Mundo. E se Appelles, por pintar ao natural as suas obras, mereceo pôr nellas seu nome, Appelles faciebat, do mesmo modo que na do celebrado Pantheon se lia a inscripção Marcus Agripa fecit: com mayor razão escrevi nesta obra o nome de seu Author, por retratar tanto ao proprio o Mundo com os seus enganos; sendo nelle choro, o que no Ceo são risos, ex cantu, mæror; cujas palavras são o titulo deste Sermaõ, que ponho nas mãos de V. Excellencia, que Deos guarde. Lisboa Occidental 4. de Abril de 1725.

The.
saur. in
Filoso-
ph.
Mor. L.
7. 2^a p. 5.

O mais humilde servo de V. Excellencia.

Estevão dos Santos Brandaõ.



L I C E N Ç A S

Do Santo Officio.

CENSURA DO P. M. Fr. MANOEL DA
Esperança, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POR ordem de Vossa Eminencia vi o Sermaõ, de que faz menção esta petição, seu Author o M. R. P. M. Fr. Eusebio de Santa Maria, Religioso da Ordem de S. Francisco, Qualificador do Santo Officio, e nelle não achei cousa alguma contra os dogmas da nossa Santa Fé, nem bons costumes; e sendo o titulo do Sermaõ, *Rizos do Ceo, e prantos do Mundo*, he muito justo que saya à luz, para que com a sua lição se multipliquem do Mundo os prantos, com a conversão dos peccadores; e estes prantos do Mundo, converterão em rizos para o Ceo; porque sempre para o Ceo servio de grande gosto a penitencia de hum peccador arrependido: *Gaudium est in Cælo super uno peccatore penitentiam agente.* Este o meu parecer. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Carmo de Lisboa Occidental 23. de Abril de 1725.

Fr. Manoel da Esperança.

Do

Do Santo Officio.

CENSURA DO P. M. Fr. PEDRO DO
Sacramento, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Sermaõ, que o M. R. P. Mestre Fr. Eusebio de Santa Maria, da Ordem do meu gloriosissimo Patriarca S. Francisco prégou no seu Convento desta Corte Occidental, em 13. de Fevereiro deste presente anno de 1725.

Naõ achey nelle cousa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes. Achey sim grande fundamento para presumir, que quem o ler com attenção, poderá dizer d'elle, e do seu Author o que de Moysés se diz no Capitulo 45. do Ecclesiastico: *Dilectus Deo, & hominibus, cuius memoria in benedictione est.* Este he o meu parecer, salvo sempre o melhor. S. Domingos de Lisboa Occidental 30. de Abril de 1725.

Fr. Pedro do Sacramento.

Vistas as informações póde-se imprimir o Sermaõ de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 30. de Abril de 1725.

Rocha. Fr. R. Alencastro. Cunha. Teyxeira. Sylva
Cabedo.



Do Ordinario.

Vista a informação pôdesse imprimir o Sermaõ de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 9. de Julho de 1725.

D. J. A. de Lacedemonia.



Do Paço.

*CENSURA DO P. Fr. BOAVENTURA DE S.
Gião.*

S E N H O R.

POr ordem de V. Magestade vi o Sermaõ de Quarenta Horas, que prégou o M. R. P. M. Fr. Eusebio de Santa Maria, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, Leitor de Theologia, e Qualificador do Santo Officio: e he tão singular a Idéa, e tão natural o Assumpto desta Oração, que aquella não podia ser melhor concebida, nem este mais bem achado para o intento, e para a celebridade; ponderando o Orador com tanta felicidade, e germanando com tal propriedade a qualidade do Assumpto com as circumstancias do tempo; que não profere conceito, que aqui não venha cahindo; nem applica Texto, q não venha aqui nascendo.

B

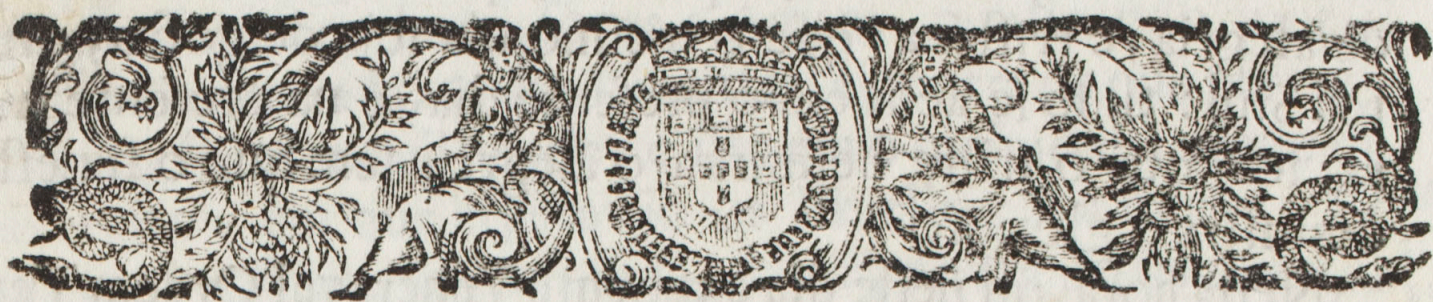
Rizos

Rizos do Ceo, e prantos do Mundo, he o titulo do Sermaõ, tão bem apropriado, que o faz de nome. O rizo antigamente era do Mundo, e do Ceo o pranto; pois quando aquelle se alegra, este se lamenta: trocaraõ-se porém as fortes; porque o Author lhe mudou as prespéctivas, e lhe desmentio os semblantes, serenando o pranto com o rizo, e affogando o rizo naquelle pranto. Eraõ do Ceo as lagrimas, e do Mundo as alegrias; e porque se mudáraõ as correntes; do mundo saõ agora as tristezas, e do Ceo os gostos. Mas se de antes os prantos do Ceo erãõ lagrimas bem choradas, hoje os prantos do Mundo vem a ser lagrimas perdidas. Finalmente está tudo tão elegantemente propo-
to, e com tanta descripção profererido, que se mostrãõ mais alegres os rizo, e apparecem mais funestos os prantos. E por ser este papel tão capaz de sahir a publico, e não conter cousa que encontre o Real serviço de V. Magestade, o julgo benemerito do Prêlo. Lisboa Occidental no Hospicio do Duque o primeiro de Agosto de 1725.

Frey Boaventura de S. Giaõ.

Que se possa imprimir visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e tayxar, e sem isso não correrá. Lisboa Occidental 6. de Agosto de 1725.

Duque P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Baracho. Bonicho.



DUODECIMI MENSIS TERTIA

decima die, quando cunctis Judæis interfectio parabatur, versa vice superiores esse ceperunt, & se de adversariis vindicare. Esther. c. 9. v. 1.



IA alegre, e dia funebre; dia glorioso, e dia funesto; dia plauzível, e dia lamentavel he o presente dia (Divina, e Humana Magestade.) Sey, que o gosto appareceo no Tribunal de Jupiter, dando querela contra a pena, de nunca largar a sua companhia; Jupiter, entendendo a sem razão da queixa, prende-os com huma cadeia de diamantes, e disse-lhes: Ide, anday assim prezos pelo Mundo: seja obediencia, e pensão da vida, o que até agora pareceo na pena, travessura; sempre a pena acompanhe o gosto, que no Mundo não pôde haver gosto sem pena. Esta foy a sentença fabulosa de Jupiter; porém a verdadeira contém o proverbio de Salamaõ; porque a alegria he presagio da tristeza, o gosto he vespera do luto: *Extrema gaudii luctus occupat.* Não estranho o proverbio, que tem a experiencia por abono; pois regularmente vemos, que entre luto, e gosto, entre rizo, e pranto só medea hum breve instante, como insinuou Christo: *Vae vobis, qui ridetis nunc, quia flebitis;* mas sempre corresponde a diversos tempos: o instante de rizo ata-se ao pranto de futuro; e o instante de pranto ata-se ao rizo já passado. Porém que o mes-

Platam
in Phæ-
dro.

Prov. c.

14. v.

13.

Lcu. c.

6. v. 25.

mo instante seja de rizo, e pranto, que a mesma hora seja de alegria, e tristeza; que o mesmo dia seja de gosto, e luto! Sim: tudo se acha em o presente dia, e na presente hora; sem que o triste desmintia o alegre, sem que o funesto deslustre o glorioso.

Nesta hora, ou neste dia expõem a Veneravel Ordem Terceira em Soberana Mesa aquelle Sacramento ineffavel, franqueando este celestial convite a todo o Christianismo; e que outra cousa he, o chegarem os Catholicos em este dia do Carnaval àquella Divina Mesa, mais do que darem de mão aos deleites do Mundo, e unirem-se a Christo por meyo daquelle suavissimo Nectar. Pois dia de hum tão celebre convite he dia de pranto, e dia de rizo: de rizo para o Ceo, e de pranto para o Mundo. Este pranto do Mundo. rizo do Ceo hoje mais do que em outro qualquer dia, a vozes publica o Sagrado livro de Esther.

Achavaõ-se escravos de Assuero, Rey dos Persas, os Israelitas, quando o soberbo, e ambicioso Amaõ, deseioso de totalmente assollar a Nação de Israel, fez publicar hum Edicto tão inhumano, e sanguinolento, que sem mais delicto, que sua apprehensão, mandava dar a morte a todos os Israelitas; assignando para a execucao desta crueldade o dia treze do mez ultimo, que se chamava Adar, e corresponde, como observou Abulense, ao nosso Fevereiro, por se principiar então o anno em o mez de Março. E adverte o Sagrado Texto, que em o mesmo dia de tão lamentavel crueldade, preparou o tiranno Amam hum magnifico convite: *Rege, & Aman celebrante convivium*. Chega aos ouvidos de Esther a noticia de tão funesto Edicto contra a gente de sua Nação, e desejosa de dar vida, aos que a mor ameaçava; vendo-se elevada até o throno de Esposa de El-Rey Assuero; dispoem outro magestoso convite, e em elle pede ao Rey, vida, e liberdade para os de sua Nação, e justissima morte do tiranno Amam. Ouvida com benevolencia a sup-

In
Exod.
12.

Esther.
3.º v. 15.

a supplica, despacha logo o Rey a petição, mandando a toda a pressa pôr em huma força a Amam, publicando juntamente decreto a favor dos Israelitas, e contra os que perturbassem a sua tranquillidade; e isto em o mesmo dia treze de Fevereiro, em que esperavão os Israelitas sua morte: *Et* ^{Esther. c. 8. v. 13.} *constituta est una ultionis dies, id est, tertia decima mensis duodecimi Adar.*

Esta he, Senhores, a letra da historia; porém quem não repara nella, e admira a singularidade da Divina Providencia? Aqui se vem dous banquetes: hum para o triunfo do soberbo Amam, e morte dos Israelitas; e outro para a vida dos Israelitas, e morte do tiranno Amam. Aqui se determina hum dia, para destruir o Povo de Deos, e o mesmo dia se vê convertido em huma grandissima felicidade desse Povo. Aqui se acha o dia treze de Fevereiro preparado para a mayor alegria dos Idolatras, e para a mayor tristeza do Povo de Israel; e se acha esse mesmo dia treze de Fevereiro convertido em a mayor alegria do Povo de Israel, e em a mayor tristeza dos perversos Idolatras: *Duodecimi mensis &c.*

Haveis observado esta rara Providencia? Pois vede em ella huma propriissima imagem, do que succede. Não he hoje o dia, em que o Mundo tiranno Amam, celebra o convite profano de suas gulas, para dar morte aos Israelitas verdadeiros, os Catholicos? Diga-o a memoria das antigas Carnestollendas: *Aman celebrante convivium*. Pois veja-se ^{Esther. c. 6. v. 14.} hoje outro melhor convite da Igreja, Esposa do Divino Assuero, em aquelle Altar, de donde dimana a vida verdadeira dos Catholicos, e a morte da profanidade do tiranno Mundo: *Convivium, quod regina paraverat*. Não he hoje treze de Fevereiro, quando determina o louco Mundo destruir com suas profanidades aos servos, não de Nabuco, senão do melhor Assuero, JESU CHRISTO? Pois veja-se este mesmo dia treze de Fevereiro, convertido em a mayor felicidade destes ditos servos. Não he hoje o dia preparado

parado para a perniciosa alegria dos mundanos, e para a maior tristeza dos servos de JESU CHRISTO? Pois veja-se este mesmo dia convertido em tristeza dos amadores do Mundo, e idolatras de seus deleites, e em a maior alegria dos participantes daquelle delicioso convite: *Versa sice superiores esse ceperunt*. E se hoje treze de Fevereiro vemos as tristezas convertidas em alegrias; assuste-se o Mundo, e alegre-se o Ceo, sendo os rizo de este, e pranto daquelle tudo ao mesmo tempo: *Et constituta est &c.* Para que mais claramente manifeste o meu assumpto, e divisaõ delle, busquem os rizo da Aurora com a Saudação Angelica. *Ave Maria*.

Duodecimi &c.

Joan. c.
16. v.
20.

Para.
cel. l. de
Præla-
giis.

A H Mundo como es contrario ao Ceo! A seus Discipulos vaticinou Christo, haveria tempo, em que o Mundo risse, e elles chorassem: *Flebitis vos, mundus autem gaudebit*. E se tu Mundo estã aveſſo, que para ti he rizo, o que para o Ceo he pranto: agora seja em ti pranto, o que para o Ceo he rizo. Entre varias figuras, com que a erudição descreveo o Mundo, he huma: huma donzella em hum ameno prado, tão fermosa, como desgraçada, porque os seus olhos de soes se convertião em rios. Tinha na mão hum açafate de sasonados frutos, nos quaes se prendião huns laços. Nos arvoredos estavam humas aves, que em suaves melodias davão ao Ceo hum descante, e na donzella a letra: *Excantu, meror*: do teu canto nasce o meu pranto. Esta donzella, como disse, he figura do Mundo, os pomos, que encobrião os laços são os gostos, e deleites, com que o Mundo nos arma, para nos caçar, e dar a morte: as aves, que elevadas no canto, se esquecião dos pomos, são as almas verdadeiramente Catholicas, que desprezando os embustes do Mundo, se entregão à veneração, e applauso de Deos. E de o Mundo ver, que estas almas elevadas em o seu canto, não

Santissimo Sacramento.

não cahem em os seus laços, e perção a vida, chora, e suspira, sendo para o Mundo pranto, o que para o Ceo he rizo: *Ex cantu &c.* Ora já que o Mundo está choroso, e o Ceo festivo, esta figura seja a empreza do Sermão, a que vem por titulo (*Rizos do Ceo, e prantos do Mundo.*) Tudo se vê no presente dia treze de Fevereiro, em que o Mundo tiranno Amam, armando os laços, para tirar a vida aos verdadeiros Israelitas, os Catholicos, chora o mau logro de seu ardil: *Versa vice &c.*

Duas vidas tem o Christianismo, huma natural, e outra mystica: a natural consiste na união d'alma ao corpo: a mystica consiste na união do Catholico a Christo, como a sua cabeça: *Vos autem estis corpus Christi, & membra de* 1. Cor. c. 12. v. 27. *membro.* De huma, e outra vida pertencia o Mundo neste dia treze de Fevereiro, privar ao homem com o profano de seus banquetes, como diz Hugo: *Interfectio corporalis, & spiritualis parabatur;* porque com elles soltando-se a gula, desenfreado-se a ira, e desbaratando-se o sizo, perecia não só a vida temporal; mas tambem a mystica. Pois que remedio? Que. Prepare a Divina Providencia outro muito opposto banquete, com que serenado o appetite, payxão, e livre alvedrio, em hum momento se ponhão em paz as potencias alteradas, corroborando-se huma, e outra vida, a vigores deste convite; sendo os seus effeitos excitação de rizo, e de pranto; de pranto para o Mundo, e de rizo para o Ceo. Ao expor Christo este banquete, o Ceo alegrou-se, o Mundo confundio-se; tanto assim, que muitos abjurarão la companhia de Christo: *Multi discipulorum ejus abierunt retrò.* E que razão tem o Mundo para se confundir, e o Ceo para se alegrar? Dizia Christo, que quem participasse deste banquete, não havia de morrer: *Siquis ex ipso manduca-* Joan. c. 6. v. 50. *verit, non moriatur.* E como neste convite se acha a conservação da vida natural, e mystica; o Mundo chora, o não poder com os seus laços, privarnos de huma, e outra vida:
Ex

Ex cantu &c. Siquis &c. Ora se o Mundo está choroso; vamos em dous discursos ouvindo os prantos do Mundo. No primeiro discurso ouvireis os prantos do Mundo, por não poder privar ao Christianismo da vida temporal. No segundo ouvireis os prantos do mesmo Mundo, por não poder defraudar aos Catholicos da vida sobrenatural, ou mystica. Entremos nos discursos.

Chora o Mundo, figurado em Amam, não poder com os seus banquetes enlaçar os Catholicos de forte, que os prive da vida natural: *Versa vice &c. Ex cantu &c.* He de fé, que tres são os nossos inimigos, Mundo, Demonio, e Carne. Com tudo nem a Carne, nem o Mundo armaõ ciladas ao Catholico, para o possuirem, senão para o entregarem ao Demonio; porque o Demonio he quem domina aos peccadores; porém o Demonio para no dia de hoje fazer a sua invasão, não vem em pessoa, manda ao Mundo, para que com os deleites do Carnaval mate ao homem. He certo, que nem só as penas, mas tambem os gostos matão. Chilo filosofo, Sophocles tragico, Dionisio tiranno, e outros muitos por occasião de hum gosto excessivo exalarão a vida em hum desmayo; e como aos Filósofos pertence assignar a causa, do que vemos por experiencia, preguntão; como he possivel, que o gosto mate? O gosto he conveniente à natureza, porque nasce de ver, e conseguir o que agrada, e recreia; e se gosto tem a propriedade de dilatar a vida, como póde originar a morte?

Respondem os Filósofos, que no gosto dilata-se, e abre-se o coração, excitaõ-se os espiritos vitaes pela virtude appetitiva, e apprehensiva, espalhaõ-se, e diffundem-se pelas extremidades do corpo, como querendo-se unir ao objecto, em que se deleitaõ; e assim sendo o gosto moderado, de tal forte acodem às extremidades do corpo, que ainda ficão alentando o coração; e sendo excessivo, desemparaõ totalmente o coração, por se espalharem nas extremidades do corpo;

corpo; e como o coração se vê sem espiritos vitales, cahe em desmayos, entra em parocismos, e acaba desfavorecido, escondendo-se o verdugo da vida nos disfarces do gozo. Assim morre o homem nos braços da alegria, e assim morre o Catholico às mãos do deleite. Combate o Mundo os sentidos do corpo com a lascivia, passatempos, ociosidade, e regalos das iguarias; entregão-se as potencias d'alma a estes vicios, desemparaõ o espirito, que deviaõ fortalecer na observancia dos preceitos Divinos, acodem às extremidades do corpo, deleitando-se em seus appetites; e vendo-se o espirito neste desamparo, acaba, e fenece a vida, disfarçando-se o veneno em o gosto, a morte no deleite, e o aspid nas flores; sendo lisonja para os sentidos o mesmo verdugo da vida.

Ah Catholicos: como hieis errados nas demasias destes dias! Neste dia vos brindava o Mundo com banquetes, e cuidava o homem achar nas iguarias alento, para passar quarenta dias de Quaresma. Ah engano! E quando poz o Mundo a mesa, que não tirasse a vida? Os mais celebres banquetes, que refere a Escritura, foraõ quatro; o de Absalam, o de Holofernes, o de Esther, e o de Herodes. No de Absalam perdeo Amnon a vida: *Amnon mortuus est*. No de Holofernes, o demasiar-se este na gula, foy occasião para Judith lhe cortar seguramente a cabeça: *Abscindit caput ejus*. No de Esther, sendo Amam convidado, o puzeraõ em hum a forca: *Supensus est itaque Aman*. No de Herodes nem ainda escapou a innocencia do Bautista: *Attulit caput ejus*. E se o Mundo nos banquetes disfarça mortes, como neste dia buscaveis vida nas suas iguarias? Discorrey pelas historias, e vereis, que nunca o Mundo poz a mesa, que não tirasse vidas. Valenciniano Cesar em hum banquete de farto rebentou em sangue. O Emperador Joviniano estalou de intemperado. Attila, aquelle assombro do Mundo, e espanto do Universo, cujas proezas experimentou Alemanha,

Esclavonia, Italia, e França. Pompeyo, aquelle insigne Viso-Rey de Napoles, Zenon, aquelle Emperador, que enterraraõ vivo, pelos desgovernos, que fazia inebriado, quem lhe deo a morte, senaõ o Mundo nos seus banquetes?

Isai. c.
22. v.
13.

De certos homens conta a Sagrada Escritura, que exhortando-se de comum consentimento, diziaõ: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur*. Comamos, e bebamos, porque à manhãa havemos de morrer. Mas que fundamento tinhaõ estes homens, ou estes brutos, para pronosticar, que ao outro dia haviaõ de morrer? O mesmo que elles diziaõ: *Comedamus, & bibamus*. Das demasias da sua gula inferiaõ a brevidade da sua vida. *Cras enim moriemur*. Mas para que me valho de provas da Escritura, quando aos olhos mostra esta verdade a experiencia; porque o comer sem tempo, e sem tento, ou sem attençaõ gasta o calor natural, entorpece os membros, engrossa os humores, embota os pulsos, retarda as acções, e prisiona as potencias; porque nem ao homem lhe serve o discurso, nem a eleição lhe aproveita, nem o juizo o encaminha, nem a prudencia o governa, privando-se totalmente o homem pelas intemperanças do comer, e beber naõ só da liberdade, mas tambem da vida; porque descomposto o estomago com as superfluidades da gula, de tal sorte se confundem, e alteraõ os humores, que confusos, e discordes entre si causaõ tantas doenças, que em brevissimo tempo poem às portas da morte aos gulosos, ou intemperados: *Comedamus &c.*

O certo he, Senhores, que mais mortes ha feito a gula, que o cutelo; porque a este o move a justiça, ou a ira; e àquella o natural, e as delicias, inimigos mortaes dos viventes. Em o deleite mais saporoso de hum manjar, está disfarçado hum achaque, e a mayor doença. Aquelle, que come pouco, e mal, vive muito, e bem; porèm aquelle, que come bem, e muito, vive pouco, e mal. Nunca se vio ser dannoso o pouco; o muito sempre; porque a superfluidade dos banquetes

he o

he o lethal inimigo da vida. Sendo pois esta verdade tão evidente, como a experiencia está mostrando a cada passo: Que razão haveria, que movesse aos homens, para que se dema-
 gassem com os regalos das iguarias, que o Mundo lhes offe-
 recia neste dia; pertendendo achar no mesmo verdugo da
 vida, augmentos della? A razão mais modesta, e capeada,
 com que o Mundo persuadia, e persuade a que vos dema-
 sieis nos banquetes de hoje, he, que tendes para passar qua-
 renta dias de jejum, e que he justo vos alenteis, para po-
 dereis com abstinencias de huma tão prolongada Quares-
 ma. Esta he a razão mais catholica, com que neste dia vos
 persuadia, e persuade para os banquetes das Carnes tollen-
 das; e esta he a razão mais enganosa, com que o Mundo ar-
 ma os seus laços. Mas mente o Mundo, porque esse alento
 só o dá Christo Sacramentado em vespera de Cinza.

Quando Elias perseguido de Jesabel, fugio das garras do
 seu furor, faltou-lhe o sustento no deserto, quando ainda
 lhe restavão quarenta dias, e quarenta noites, para chegar
 ao monte Oreb: vendo-se assim desfalecido, reclinou-se
 cansado. Ex que entregue ao sono, desperta-o hum Anjo:
Surge, comede. Oh Elias, levantate, e come. Despertou
 Elias, e achou hum pão com cinza: *Ecce subcinericius pa-*
nis, e como soube era iguaria do Ceo, comeo o pão subci-
 nericio: *Comedit*; e diz o Texto, que aquelle bocado lhe
 dera tal alento, que sem cansaço, nem fadiga andara qua-
 renta dias, e quarenta noites até chegar ao monte de Deos:
Et ambulavit in fortitudine cibi illius quadraginta diebus, v. 9.
& quadraginta noctibus usque ad montem Dei. Como assim:
 hum pão lhe deo fortaleza, para jejuar quarenta dias, e qua-
 renta noites? Sim, que aquelle pão era figura do Sacramen-
 to, e estava envolto em cinzas; e quando o Sacramento se
 une com a cinza, quando a cinza se envolve com o Sacra-
 mento, dà fortaleza, para jejuar huma Quaresma, quarenta
 dias, e quarenta noites. Mente o Mundo quando persuade,

dá esse alento nos seus banquetes, que forças para jejuar huma Quaresma, nem só as dá a cinza no seu dia, nem o Sacramento em qualquer hora, mas sim o Sacramento na vespéra de cinza: *Et ambulavit &c.*

E porque? Porque não basta só a consideração da cinza, ou a efficacia da Eucharistia, para nos dar forças, e alento para jejuar huma Quaresma? Ha de ser precisamente o Sacramento nas vespéras de cinza? Sim, porque passar huma Quaresma jejuando, he passar quarenta dias penitente; e para hum Catholico se resolver a penitencia, nem só basta o Sacramento, nem só a consideração da cinza: ha de ser huma, e outra cousa. Quem desenganou a David a ser abstinente? Foy contemplar na cinza, e juntamente na Eucharistia: *Cinerem tanquam panem manducabam.* E não basta receber a Eucharistia, ou considerar na cinza, para resolver a abstinencias? Não, e porque? Direy; porque na cinza representa-se a morte, na Eucharistia a bemaventurança; e para o Catholico tomar forças, para fazer penitencia, he necessario, receber a Eucharistia, em que a gloria se representa, e juntamente considerar na cinza, em que a morte se figura.

Esta differença ha, diz Lorino, entre os bemaventurados, condemnados, e viadores; que os bemaventurados comem aquelle pão sem cinza: *Beati panem sine cinere manducant.* Porque contemplão na bemaventurança, sem considerar na morte, pois já a não temem: os damnados comem a cinza sem pão *Damnati cinerem sine pane.* Porque considerão na morte, sem contemplar na bemaventurança, pois já a não esperão. E nós os viadores, para nos resolvermos a penitencia, hemos de comer o pão com cinza, hemos de receber aquelle Sacramento envolto em considerações da cinza: *Et dum vivimus conjungere debemus hujusmodi cogitationem cum meditatione lætæ beatitudinis.* Porque nos he necessario para esta resolução contemplar na gloria,

gloria, figurada no Sacramento, e na morte representada na cinza.

Mas porque? Para me resolver a penitencias, não basta considerar na morte, ou na gloria, na cinza, ou no pão; mas ha de ser em huma, e outra cousa? Olhay, para hum homem se resolver a penitencia, duas cousas são necessarias: desengano da vida, e esperança da gloria. Todos esperão a gloria, e porque não fazem todos penitencia? Porque se não desenganão da vida, que poderão acabar em mau estado, e ir para o Inferno. Muitos se desenganão da vida, como Diogenes, e como Judas; e estes porque não fizeram penitencia? Porque não esperavão a gloria. Judas por desesperado, Diogenes por ignorante. Desorte, que para mover a penitencia, he necessario, esperar a gloria, e desenganar da vida. Pois como na cinza se representa o desengano da vida, na Eucharistia a esperança da gloria; porisso para mover a abstinencias de quarenta dias de Quaresma, nem só basta o Sacramento, nem só basta a cinza, ha de ser a cinza. e Sacramento, ou o Sacramento nas vespas de cinza: *Cinerem &c.*

Cale-se, pois, o Mundo nos seus enganos, que se para as abstinencias de huma Quaresma, nem só basta o Sacramento, dando-se em iguaria, mas sim he necessario, ser envolto aquelle bocado nas considerações da cinza. Como poderá o Mundo com os seus banquetes alentar os Catholicos, para o jejum de quarenta dias? Enganáva-vos o Mundo com os seus convites; pois esta fortaleza só se acha em aquelle celestial banquete, exposto na vespera de cinza: *Cinerem &c.* Mas para que me canço em persuadir esta verdade, quando a admiro hoje tão posta em praxe, que o Mundo se confunde; ao mesmo tempo, que o Ceo se glorea. Glorea-se o Ceo, de ver a differença de tempos a tempos, e esta mesma diversidade de tempos serve de confusão para o Mundo. Que se via em o dia de hoje nesta populosa Cidade mais do que chistes,

chistes, graças, motes, facecias, equivocações de pessoas, transfigurações dos sexos: machinas jocosas, invenções ridiculas; em fim quanto sabe excogitar o engenho, e ociosidade para mover a rizo; descompondo-se com este a politica, e caridade christãa, e ainda a mesma vida, pois a cada passo se vião os insultos, e brigas, de que procedião milhares de mortes, e mortaes feridas; sendo os instrumentos deste destroço a nimiedade da gula.

Isto he, o que em o dia de hoje se via em o tempo passado; porèm em contraposição do passado admiramos o presente dia; porque se o passado era descomposto, o presente he modesto: se o passado era gentilico, o presente he Christão: se o passado era impio, o presente he santo, e tão santo, q' só cuidão os Catholicos em dar ao Ceo gosto; e destes gostos, ou rizo do Ceo nascem os prantos do Mundo *Ex cantu &c.* Conseguindo o Christianismo hoje treze de Fevereiro, por meyo daquelle esplendido banquete a vida natural, que o Mundo, figurado em Amam, pertendia tirar-lhe com a profanidade de seus convites: *Interfectio &c. Duodecimi &c.*

Tambem o Mundo chora o não poder hoje com os seus regalos, iguarias, e profanidades privar ao Christianismo da vida mystica. Os Filosofos controvertem: qual seja o principio da vida? Platão, e Galeno dizem, que he o cerebro, a cabeça. Aristoteles, e os Peripateticos dizem, ser o coração. Decidamos o pleito, compondo as partes. Digo, que o coração, e cabeça ambos são principio da vida. No corpo fisico o coração he principio da vida natural; porque delle nascem os alentos da vida ao corpo fisico. No corpo mystico, a cabeça Christo he principio da vida sobrenatural; porque delle brotão os influxos da graça ao corpo mystico. E que o Catholico hoje conserve esta vida mystica, he para o Mundo pranto, e para o Ceo rizo: *Ex cantu &c.* He rizo para o Ceo, o ver o como os Catholicos em o presente dia fogem

fogem aos embelecões do Mundo, que propondo as delicias como lisonja para o gosto; com este ardil pretendia ferir a cabeça Christo, para que não influísse em o corpo mystico.

Em o dia de hoje tão fóra de si andavão os Catholicos, que enteando-os o Mundo com as festas Bachanaes, de tal sorte se entregavão aos profanos abusos de bailes, jogos, e manjares gulosos, que sem mais armas, que as de suas intemperanças davão a Christo huma forte bateria. Quando Moysés desceo do monte, o Povo estava idolatrando no bezerro com grandes alaridos. Josué ouve os ecos, e diz: Eu ouço clamores de batalha: *Ululatus pugnae auditur in castris*. Moysés applica os ouvidos, e diz: aquillo são canticos de alegria: *Vocem cantantium ego audio*. Averigue-se este ponto. Clamores de guerra, e ecos de musica não fazem a mesma consonancia; pois qual destes se engana: Moysés, ou Josué? Nenhum, ambos ouvem bem. A verdade he, que o Povo cantava; mas pelas circumstancias os ecos da musica erão clamores de batalha. Estas festas dos Israelitas erão figura das Carnes tollendas, porque nos mesmos dias, que estava Deus em o monte cuberto com huma nuvem: *In caligine nubis*, figura de Christo Sacramentado, como diz São Jeronymo: *Per nubem Salvatoris corpus debemus accipere*. O Povo Israelitico, como o Catholico, andava em danças, jogos, mesas, ambos idolatrando: os Israelitas no bezerro, vós no Santo Entrudo, pois como diz Belarmino, idolatraveis nelle, quando guardaveis o Entrudo, como o dia Santo, tendo as logeas fechadas. Vós, e elles celebraveis festas Bachanaes, como Gentios: *More gentilium*; e estas festas Bachanaes sendo lisonja dos sentidos, para recrear o corpo: *Vocem &c.* erão instrumentos de batalha, que apresentaveis a Christo *Ululatus &c.*

E como sahia Christo desta batalha? Responda o mesmo Christo: em os dias do Carnaval appareceo a Santa Getrudes ferido, ensangoentado, e com o desmayo das feridas pedio

a Getru-

Exod.

c. 32 v.

17.

In Plal.

77. n.

149

Lib 4.

c. 15.

a Getrudes, o reclinasse no peito. Que he isto Deos meu, e meu Jesu? Vós ferido, vós desmayado? Quem renovou as chagas dolorosas, que vos abrirão no Calvario! Quem renovou a guerra sanguinolenta, que vos fizerão em Jerusalem? Quem foy o atrevido, que ultrajando o sagrado, ferio este corpo? Quem havia de ser, diz Christo, os insultos, os desacatos, as demasias, as desenvolturas, os abusos destes dias. Tão graves, e tão abominaveis são as culpas do Carnaval, que em viva guerra me abrem estas feridas. Ah peccador, como hias considerado nos passatempos das Carnes tolendas! Não posso mostrarte aos olhos as feridas, que abrias em Christo, que esse favor das vistas reservou Deos para hum Getrudes; mas o que Getrudes vio, e ouvio, ouves tu, ainda, que o não ves: ouves o quanto a Deos ferias; e se hoje te abstens destes abusos, he porque aquelle Sacramento te dá luz, para reprimires a efficacia, com que a Christo perseguias.

Act. c.
9. v. 3.

São Paulo foy o mayor verdugo, que teve a Christandade, pertinaz em o seu peccado, perseguidor de Jesu Christo. Caminhando para Damasco, ouvio huma voz: *Saule, Saule quid me persequeris*. Saulo, Saulo, que razão tens de me perseguir? Ouve Paulo esta voz, cerca-o huma luz: *Circumfulsit eum lux*, cahe por terra: e já contrito, já compungido resigna-se todo na vontade de Deos: *Domine quid me vis facere*. Ah Paulo, a huma voz se rende a tua furia? Se tu viras a pessoa offendida, ou a compayxão te humanara, ou o respeito te prendera; mas dando credito a huma voz, a huma voz te rendes? Sim, que a essa voz juntou-se huma luz. A luz he Christo Sacramentado: diz Fidele: *Circumfulsit eum lux: Christus in hostia*; a voz he de Christo perseguido: *Quid me &c.* Bem he verdade, que eu não vejo o que faço, mas ouço o que obro; não vejo a Christo ferido, mas ouço a Christo aggravado. E ao mesmo tempo, que a voz de Christo me dá a conhecer a culpa, a luz do Sacramento

In Psal.
22. v. 1.
the or.
2. m. 5.

mento convidame para a graça. E para eu dar de mão à minha má vida, que mais he necessario. Ouço o damno, que faço a Christo: *Saule &c.* vejo me chama a luz do Sacramento: *Circumfulsit &c.* pois sem demora deixo as culpas do tempo, deixo de maltratar a Christo: *Domine &c.*

Os auxilios de Paulo tem o Catholico neste dia; se não ve, ouve, quanto os abusos do Carnaval ferem, e offendem a Christo; de outra parte as luzes daquelle Sacramento atrahem o homem para a sua graça, a voz de Christo mostra ao homem a sua culpa; e se estes auxilios vos não despertarão a deixares o gentilico das festas Bachanaes, e buscares o Templo, ferieis mais ferozes, que hum Paulo; pois vendo, que feris a Christo com as culpas do tempo, repetieis os golpes, e continuaveis as feridas. Mas que razão póde haver, para as culpas destes dias abrirem em Christo chagas? As culpas dos mais dias não são graves, não são mortaes? Sim são mortaes, porém tão graves não o são. Os peccados destes dias são mais pezados, são mais escandalosos, porque injurião a Fé Catholica.

Hum Embayxador do Grão Turco esteve em Roma, e ao voltar-se para a sua Patria, perguntoulhe o Grão Turco; que vira de novo? Vi, Senhor, o que não crera, se o não vira. Vi os Catholicos nas vespas de cinza andarem loucos pelas ruas, e gulosos pelas Hostiarias, sendo a sua Quaresma tempo de penitencia; sendo a sua cinza desengano da vida, para este desengano, para esta penitencia preparão-se com demasias, loucuras, e incontinencias. E esta, Senhor, he a Fé, e Religião dos Catholicos! Ah Fé, que afrontas experimentavas pelos abusos do Santo Introito. Não he tua a falta, nossa era a culpa. E porque estas do Carnaval injuriavão a Fé, ferião mais a Christo, e ameaçavão mór castigo.

Os peccados da adultera escreveo Christo na terra: *Digito scribebat in terra*; os delictos de Balthasar esculpio hum Anjo na parede: *In superficie parietis*. Era o peccado da

Joan. c.
8. v. 6.
Dan. c.
5. v. 5.

D

adulter-

adultera contra a justiça, e continencia; era o peccado de Balthasar contra a Fé, e Religião, profanando os vasos sagrados. E peccados contra a Religião, esculpem-se na parede, onde nunca se apaguem; peccados contra as mais virtudes escrevem-se na terra, onde com o pó se desvanece. Os peccados, com que a Fé se injuria, e mal trata não se apaguem, estejam presentes na memoria de Deos para o castigo: *In superficie &c. Digito &c.* Mas oh quanto mais graves são as culpas do Carnaval, que as culpas de Balthasar! As de Balthasar esculpirão-se na parede: *In superficie &c.* as do Carnaval imprimião-se no Corpo do mesmo Christo, a quem ferião, a quem ensangoentavão. E se as culpas de Balthasar forão, e são castigadas no Inferno, porque ficarão escritas na parede; quantos infernos merecião as culpas das Carnes tollendas, que se escrevião no Corpo de Christo com o seu proprio sangue. E como a Christo lhe doiaõ tanto estas culpas, porisso lhe applicou o remedio, expondo-se Sacramentado em aquelle throno, para que dando os Catholicos de mão às profanidades destes dias, com que se maltratava a Cabeça do Corpo mystico, conservassem a vida sobrenatural, que o Mundo, figurado em Amam, lhe intentava tirar: *Interfectio &c.* Sendo este soberano ardil de gosto para o Ceo, e de pranto para o Mundo: *Ex cantu &c. Duodecimi &c.*

Tendes ouvido os *Rizos do Ceo*, e *Prantos do Mundo*, titulo, que dey a este Sermão, deduzido de hum emblema do Mundo, huma donzella chorosa, porque as aves, elevadas nos seus cantos, não cahião nos seus laços, com a letra: *Ex cantu &c.* Sendo dous os prantos do Mundo, hum por não tirar ao Christianismo a vida natural, outro por não o privar da vida mystica. E ao mesmo tempo, que o Mundo está choroso, vemos ao Ceo tão rizonho, que em jubilos de alegria está applaudindo o como por meyo daquelle divinissimo convite conseguem os Catholicos huma, e outra vida.

vida. E se o Ceo está hoje tão risonho, não faltem em nós os applausos, louvando a Divina Providencia; pois ella foy a inventora de tão Soberano antidoto; e assim prostrados todos diante da Magestade daquelle já triunfante throno, retemos a bondade daquelle Deos Sacramentado: *Te Deum laudamus*. A vós meu Deos confessamos Senhor das vidas, que hoje possuímos: *Te Dominum confitemur*. Cheios estão os Ceos, e a terra da Magestade de vossa gloria: *Pleni sunt cæli &c*. Dos Ceos o testemunhão os Anjos; da terra o testemunhão os olhos. Esta Magestade vos dão os Anjos na gloria, esta Magestade vos dão também os filhos de Francisco em a terra; porque dos filhos de Francisco estes são os da Terceira Ordem; e das Jerarquias Celestes os Anjos são da Ordem Terceira; que he proprio dos espiritos da Terceira Ordem exporem-vos nesse throno cõ tanta gloria, e Magestade, que está cheio o Ceo de pasmos, e a terra de admirações, vendo, que para esse throno se trasladou o Empyrio: *Pleni &c*. Pois Senhor, se para esse throno vieste para nos dar huma, e outra vida com esse santo Sacramentado, soccorreinos: *Te ergo quesumus &c*. E pois assim de vós o esperamos, não nos sirva de confusão a eternidade: *In te Domine &c*. mas sim de muita gloria, *ad quam &c*.

F I N I S.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

